

TORNANDO-NOS FEMINISTAS: SIGNOS DE SORORIDADE E EMPATIA EM LEITURAS DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE.

Zuila Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo¹;
Ingrid Gomes Moraes²;
Ana Bárbara Leandro Lima³.

¹Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB - Campus Patos
zuila.araujo@ifpb.edu.br

²Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB - Campus Patos
ingridgmz65@gmail.com

³Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB - Campus Patos
anabarbara15oc@gmail.com

Introdução

Desde as últimas décadas do século XX e início do século XXI, as mulheres têm alcançado, através de muita resistência e lutas sociais, o reconhecimento de direitos civis e políticas públicas voltadas à promoção da igualdade de gêneros. Entretanto, os dados sobre os casos de violência contra a mulher, a desvalorização das mulheres no mercado de trabalho, os frequentes escândalos relacionados ao assédio de mulheres nas diferentes esferas da vida social, demonstram que ainda há um longo caminho a ser percorrido até que tenhamos de fato uma sociedade mais justa e igualitária.

Pensando as instituições educacionais como espaços de (trans)formação, o contato com a leitura de textos que problematizem as questões que permeiam a convivência social deve ser estimulado ao mesmo tempo em que se exercita a prática da reflexão sobre os valores que se apresentam como preponderantes na sociedade.

Partindo de tais pressupostos, o campus Patos do IFPB, por meio do grupo de trabalho LILAS (Leituras Interculturais de Literatura, Arte e Sociedade) deu início a um projeto de pesquisa que surgiu a partir da inquietação a respeito da pouca notoriedade que as mulheres têm recebido no papel de protagonistas de suas próprias narrativas, sejam elas ficcionais ou não. Assim sendo, pensamos em desenvolver um trabalho através do qual fosse possível mapear obras, manifestações artísticas, histórias de mulheres que apresentassem potencial de empoderamento e empatia às novas gerações, no sentido de descentralizar a figura masculina como única possibilidade de exercício do poder.

Este resumo consiste em um recorte de nossa pesquisa que trata de uma dessas autoras, que muito tem contribuído com a propagação do pensamento feminista em uma perspectiva bastante atual e que transcende os limites da vivência de gênero, tendo em vista que “feminista é o homem ou a mulher que diz: sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar.” (ADICHIE, 2015, p. 50). Fazemos menção à escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, autora de três romances, uma coletânea de contos e dois textos/manifesto que serviram de mote para a nossa investigação, são eles: *Sejamos todos feministas* (2015) e *Para educar crianças feministas* (2017).

Em sua obra, tanto ficcional quanto de cunho político, Chimamanda nos propõe uma reflexão mais profunda a respeito de como as desigualdades entre homens e mulheres passam também pela forma como interagimos com o mundo desde a nossa primeira infância,

valores que nos são impostos de forma a reproduzir as práticas de preconceito, violência e objetificação da mulher.

Metodologia

O presente trabalho consiste em uma pesquisa de natureza bibliográfica, no qual são tecidas considerações sobre as relações do texto literário com a sociedade. Conforme Bellin, uma leitura feminista e/ou de gênero leva em consideração, na análise de uma obra, o gênero do autor, o gênero do leitor e as configurações sociais que permeiam a vida de homens e mulheres, o que não quer dizer que o texto literário seja uma “cópia” ou um mero reflexo da realidade, pelo contrário: ele é um amálgama de dados ficcionais e reais, de forma que a realidade nunca é refletida na estrutura ficcional, e sim filtrada por fatores estéticos. (BELLIN, 2011, p. 9).

A partir da leitura dos textos/manifesto, nos quais a autora faz menção a uma série de padrões que precisam ser desconstruídos, faremos uma breve análise de seu texto intitulado *No seu pescoço*, homônimo da coletânea de doze contos que dentre outros temas como imigração, preconceito racial e conflitos religiosos, traz a percepção das personagens femininas a partir de sua centralidade, buscando a empatia do leitor com as situações por ela representadas.

Reforçamos a importância de leituras desta natureza ao retomar o pensamento de Cunha, ao afirmar que o feminismo tem um papel relevante na escrita de uma nova historiografia que possa enriquecer a narrativa histórica com perspectivas que inscrevam a mulher como agente no processo social, político, econômico. Colocando-se, retrospectivamente, numa posição de excluída, ela pode problematizar a visão do processo histórico como uma série de políticas de poder que ganham em ser vistas inter-relacionadamente, porquanto a questão de gênero atravessa todas as esferas do fenômeno social. (CUNHA, 2012, p. 3).

Resultados e Discussão

A obra *Sejamos todos feministas* consiste em uma adaptação de um discurso que a escritora proferiu em uma palestra, o caráter didático e incisivo das críticas tecidas ao longo das cinquenta páginas que compõem a edição de bolso é bastante elucidativo a respeito das mudanças que precisamos empreender para que possamos alcançar uma equidade entre os gêneros.

Chimamanda reflete que o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Para ela, seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero. (ADICHIE, 2015, p 36-37)

Ao observarmos a narrativa de *No seu pescoço*, deparamo-nos com um enredo que apresenta-nos a uma jovem que sai da Nigéria para morar nos Estados Unidos. Num país distante, imediatamente passa a vivenciar a experiência de ser uma estrangeira. O que mais nos chama a atenção é a escolha da autora por um foco narrativo em segunda pessoa. “*Você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma; seus tios, tias e*

primos pensavam o mesmo. Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano(...)” (ADICHIE, 2017¹, p. 125).

Esta peculiaridade estilística confere à leitura um sentido bastante pertinente: põe o leitor no lugar da personagem protagonista, isto é, não se trata de uma simples aproximação, mas de dar a ambos o mesmo lugar de fala. “*À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono*”. (ADICHIE, 2017¹, p. 129).

O leitor é posto diretamente no lugar da personagem, tentando se adaptar aos cheiros, comportamentos e hábitos fora do seu lugar. O efeito construído aqui é o da empatia ao fazer com que o leitor compartilhe das mesmas angústias, das mesmas sensações pelas quais a personagem passa.

Seguindo a mesma proposta, o livro *Para educar crianças feministas*, faz menção aos males que os estereótipos de gênero incutem em nosso comportamento. Enfatiza inclusive que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. (ADICHIE, 2017², p. 28). Um desses aspectos se materializa no condicionamento que impomos às meninas para aspirarem ao matrimônio.

Voltando ao conto, temos uma passagem bastante enigmática que conjuga essas duas perspectivas: *Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama – a casa era dele, afinal de contas – sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York?* (ADICHIE, 2017², p. 127).

Como podemos observar existe uma forte tensão entre as expectativas sociais impostas à personagem e os seus reais anseios. Acompanhar estas falas do ponto de vista da personagem provoca no leitor uma reflexão sobre como a imposição destes papéis sociais rígidos e discriminatórios contribui para a reprodução de uma cultura de violência. Exercitar essa reflexão já constitui um avanço para a desconstrução dos estereótipos relacionados ao feminino.

Conclusões

Nessa primeira etapa, os estudos desenvolvidos já apontam para um ganho metodológico quanto à proposta de trabalhar com obras de mulheres sendo observadas pelo ponto de vista de outras mulheres. O principal efeito, numa análise inicial, pode ser definido como o descentramento do sujeito, ou seja, uma nova perspectiva ao encarar as mulheres e suas narrativas não apenas do ponto de vista do objeto de observação, mas num papel discursivo central.

À medida em que avançamos nas nossas pesquisas, compreendemos a importância de conceder esse espaço às mulheres e compartilhá-lo no ambiente escolar, pois só a partir de uma nova narrativa que privilegia os sujeitos em toda a sua complexidade poderemos, de fato, caminhar para a construção de uma sociedade mais justa, em que a

violência contra a mulher, os abusos praticados não sejam mais vistos como gestos naturalizados.

Referências

ADICHIE¹, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE², Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BELLIN, Greicy Pinto. **A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem**. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. **Da Crítica Feminista e a Escrita Feminina**. **Revista Criação & Crítica**, n 8, p. 1-11, abr 2012. Disponível em: www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/download/46837/50598/. Acesso em 12/set/2018.